

FACULDADE DE LETRAS  
INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA

# FICHEIRO EPIGRÁFICO

(Suplemento de «Conimbriga»)

88

INSCRIÇÕES 400-002



UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
2009

LÁPIDE FUNERÁRIA DA HERDADE  
DA TORRE DO LOBO,  
TORRE DE COELHEIROS, ÉVORA  
(*Conventus Pacensis*)

Estela funerária romana identificada, a 22 de Agosto de 2008, no âmbito dos trabalhos de prospecção que visam completar os dados necessários para a elaboração da Carta Arqueológica de Évora, por dois elementos da equipa, Mário Carvalho<sup>1</sup> e José Santos<sup>2</sup>, junto à parede nascente do monte da Torre do Lobo, situado nos limites concelhios de Évora com Viana do Alentejo, entre as ribeiras do Outeiro e das Murteiras, num cabeço de grande domínio visual. É intenção da proprietária, D. Rita Queiroga,<sup>3</sup> vir a depositá-la no Museu Regional de Évora.

Na herdade, limitada a norte pela Herdade de S. Marcos da Abóbada,<sup>4</sup> a Torre do Lobo<sup>5</sup> é antiga residência senhorial, hoje sem o aparato que outrora seguramente teve e onde terá existido uma torre de função com características típicas da arquitectura tardo-gótica

---

<sup>1</sup> Arqueólogo.

<sup>2</sup> Licenciado em História e Património Cultural.

<sup>3</sup> A quem muito agradecemos a gentileza de nos haver deixado estudar o monumento.

<sup>4</sup> Recorde-se que em S. Marcos da Abóbada (monte da Abóbada) se encontra uma das mais importantes *villae* do concelho de Évora de que se conserva, entre outras estruturas, um edifício circular abobadado (daí o topónimo...); esta *villa* foi identificada em 2000, no âmbito do trabalho de F. Bilou – cf. *O Sistema Viário Antigo na Região de Évora*, Edição da Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional do Alentejo, 2004, p. 69 – e sobre essa estrutura ainda não foi produzido qualquer estudo arqueológico de enquadramento e, muito menos, gizado um projecto de escavação.

<sup>5</sup> Coordenadas GPS: m 594731 p 4253236

local, de que constituem exemplos próximos as “torres” de Coelheiros e da Camoeira. O único indício da torre tardo-medieval é a configuração do edifício de dois pisos e a longa chaminé de ressalto apoiada em cachorros de pedra. Ainda é possível vislumbrar, nos alçados do segundo piso, o registo da escadaria na fissuração dos rebocos, que certamente devem ter encoberto o aparelho original.

A peça foi recolhida pelo caseiro do monte há alguns anos junto à “guarita”, designação popular para o marco geodésico do Lobo, e trazida para o actual local, onde tem passado despercebida. O sítio identificado como “guarita”, situado a cerca de 1 km a poente do monte, revelou-se-nos extenso habitat romano de tipo *villa*, com cerca de 1 ha.<sup>6</sup> Aí deparámos com abundante cerâmica de construção (tijolo e *tegulae*) e comum, uma laje de xisto e um silhar de granito idêntico a um outro que existe junto ao monte, certamente com a mesma proveniência. Os principais materiais arqueológicos encontram-se reunidos em moroiços resultantes da desprega dos terrenos para a lavoura (zona de seara e azinhal disperso).<sup>7</sup>

De granito local róseo, de grão fino, com ligeira oxidação em algumas zonas devido ao contacto com o solo, a estela não foi afeiçãoada, apresentando forma tendencialmente rectangular. Apenas a face anterior poderá ter sido alisada para receber a inscrição, embora se não distinga, na superfície, um espaço delimitado que possamos designar de campo epigráfico, ocupando as três linhas da inscrição a parte média da face. Não há, também, vestígio de, na porção inferior, menor atenção ao talhe denuncie a (natural) previsão do seu enterramento na vertical, eventualmente na cabeceira da sepultura.

Dimensões: 114 x 68 x 15 (no topo) e 25 (em baixo).

TONGETAE / PITINNAE / F(*iliae*)

De Tongeta, filha de Pitina,

Altura das letras: 12,5/13. Espaços: 1: 35; 2: 7; 3: 1,5; 4: 32.

---

<sup>6</sup> Coordenadas GPS desta *villa*: m 593216 p 4253911

<sup>7</sup> Junto ao casario da Torre do Lobo existem outros materiais romanos: um peso de lagar de consideráveis dimensões e dois fragmentos de miliários, talvez provenientes da via que ligava Évora a Serpa e que passa a cerca de 4 km, a nascente, nos limites da herdade. Também um de nós (FB) confirmou a existência de dois miliários junto ao monte.

Paginação cuidada, se atendermos a que o F pretende acentuar um eixo de simetria e se usou, por duas vezes, o nexu AE, a fim de melhor aproveitamento do espaço disponível, servindo-se, inclusive, no final da l. 2, da haste do N, para um nexu (não muito frequente, mas ‘clássico’) de três letras; aliás, verifica-se aí que houve, da parte do lapicida, o recurso a um inteligente estratagema, dado que, para caber, grafou o E mais pequeno. Ou seja, apesar da sua aparente rudeza, a epígrafe denota sábia mão de artífice, a dominar bem a técnica e... a cultura!

Caracteres de traçado mui regular, gravados com goiva, esguios, ainda que o *ductus* não seja inteiramente uniforme: P aberto; O a denotar boa regularidade; G estreito e de haste breve e vertical; barras horizontais curtas no E e no T; A com barra a meio. Na l. 1, a barra superior do E continua para formar a do T.

*Tongeta* é antropónimo etimologicamente pré-romano, de que existem outros testemunhos<sup>8</sup>. Relacionam-no os linguistas com uma raiz *Tong-* /*Tonc-*, que se atesta, porém, mais assiduamente, no que concerne à Lusitânia romana, nos *conventus Emeritensis* e *Scallabitanus* (neste, com menos frequência), dado que este é, quanto saibamos, o primeiro exemplo no *conventus Pacensis*.<sup>9</sup>

*Pitinna* é, por seu turno, antropónimo que ora se revela pela primeira vez no território peninsular. Tem, à primeira vista, todo o aspecto de se tratar de um diminutivo, e seríamos tentados a considerá-lo formado, provavelmente, a partir de *Pitius*, nome que María Lourdes Albertos Firmat refere como documentado na Panónia Superior e na Dalmácia,<sup>10</sup> não sendo, pois, de raiz pré-romana peninsular. Contudo, Kajanto regista-o como *cognomen* latino, relacionando-o com *Pisinnus*, antropónimos que inclui no número dos que se relacionam

---

<sup>8</sup> De acordo com os dados recolhidos para a elaboração do *Atlas Antroponímico de la Lusitania Romana* [coord. de Milagros NAVARRO CABALLERO e José Luís RAMÍREZ SÁDABA, Mérida (Fundación de Estudios Romanos) – Bordéus (Ausonius Éditions), 2003, p. 320-322, mapa 299], identificaram-se doze testemunhos da forma *Tongeta*, dois da forma com c (*Tonceta*) e apenas um patronímico: *Tongeti*.

<sup>9</sup> Cf. VALLEJO RUIZ (José María), *Antroponimia Indígena de la Lusitania Romana*, Vitoria-Gasteiz, 2005: as p. 411-423 são dedicadas ao estudo deste radical. O território de Nisa poderá, de acordo com as últimas tendências da divisão dos *conventus* pertencer ao *Emeritensis*: é daí que provém o único testemunho «alentejano» até ao momento – cf. *Ficheiro Epigráfico* 23, 1987, inscrição n.º 107 (*Tongeta Tulori filia*).

<sup>10</sup> Vide *La Onomástica Personal Primitiva de Hispania, Tarraconense y Bética*, Salamanca, 1966, p. 184.

com a idade, concretamente à infância, no âmbito da linguagem popular, com o significado de «pequenino».<sup>11</sup> Estamos, pois, diante de um nome latino que tem singular ligação à realidade concreta do quotidiano, a confirmar o que, amiúde, se tem acentuado: a adopção como antropónimos de termos com um significado preciso. Neste caso, duas reflexões não podem passar despercebidas: a filiação é indicada com menção do nome da mãe (e não do pai) e o termo – ainda que tal possa parecer irreal, dois mil anos passados... – é relacionável com a palavra portuguesa pitinha. Pitinha é, no Sul de Portugal, o nome que se dá a um dos pássaros mais pequeninos da nossa fauna avícola; «pitinha» é uma franganita pequena; e «pitinha» é também o nome carinhoso que se dá a uma criança (ou mesmo ou a mulher) pequena. Por consequência, não se nos afigura provável que a filiação indicada pelo lado materno possa acarretar qualquer mácula.<sup>12</sup> Pelo contrário, veríamos aqui, de preferência – para além da ternura que advém da designação, seguramente conhecida entre os elementos da comunidade – um reflexo do relevante papel de que, nesse dealbar do contacto entre indígenas e romanas, a mulher usufruía.<sup>13</sup>

Não resistimos, neste âmbito da cultura epigráfica, a evocar aqui uma outra estela, identificada na actual Quinta de S. Jorge, freguesia de Nossa Senhora da Tourega, também nas imediações de Évora, que já se publicara,<sup>14</sup> mas a que mais recentemente se voltou para analisar a (aparentemente) estranha estrutura do epitáfio, que diz: SITVS / MAILONI / CAENONIS / F(*ilius vel -o*). Tudo, na verdade, fora das regras habituais, cujo conhecimento seria, por isso, ainda deficiente; e a explicação que ora se adiantou afigura-se plausível:

«Sabia-se, pelo contacto quotidiano, o significado de *situs* – a indicar, por exemplo, o local de sepultura; sabia-se que se deveria identificar o defunto (com um nome mais o patronímico); não se

---

<sup>11</sup> KAJANTO (Iiro), *The Latin Cognomina*, Roma, 1982 (reimp.), p. 299: «*Pisinnus* belonged to the popular language, and was a substitute for *parvus*».

<sup>12</sup> Como se sabe, o normal é a indicação do nome do pai e, no caso de menção da mãe, tende-se a ver aí um reflexo de filiação ilegítima.

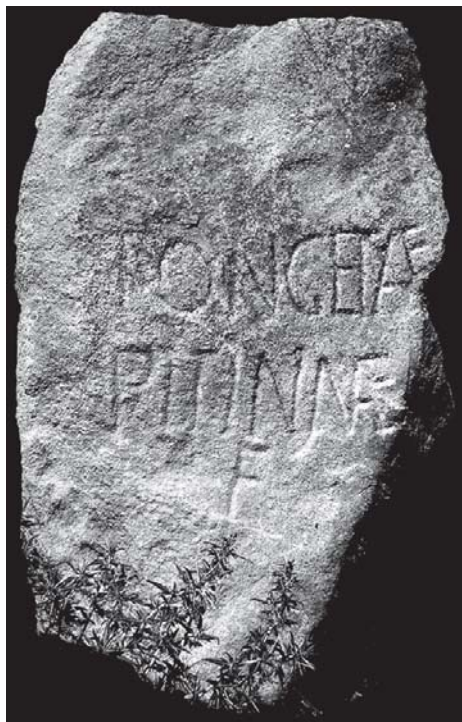
<sup>13</sup> Cf., a esse propósito, entre outros: José d'ENCARNAÇÃO, «Mães e filhos passeando por entre epígrafes», in M<sup>a</sup> Carmen SEVILLANO SAN JOSÉ *et alii* (edits.), *El Conocimiento del Pasado. Una Herramienta para la Igualdad*, Salamanca, 2005, 101-113; e Luís da Silva FERNANDES, «A presença da mulher na epigrafia do *conventus Scallabitanus*», *Portugália*, nova série, 19-20, 1998-99, 129-228.

<sup>14</sup> Cf. José d'ENCARNAÇÃO, *Inscrições Romanas do Conventus Pacensis* (= IRCP), Coimbra, 1984, inscrição n.º 403.

estava, porém, dentro dos mecanismos formais latinos, em que se optou por gravar o epitáfio, também numa vontade de imitação». <sup>15</sup>

Ambos os monumentos, pelas suas características físicas e textuais vão, pois, no sentido de se concluir o que não é de admirar, mas que assim bem se comprova: enquanto no perímetro urbano da cidade a epigrafia obedece a cânones importados, nomeadamente no que à tipologia dos monumentos diz respeito, e a onomástica é latina, nos arredores da cidade persistiu uma cultura autóctone que pouco a pouco se deixou influenciar. Desse estágio de aculturação são notáveis exemplos estas duas estelas.

Pela gravação em goiva, pela paleografia, pela onomástica e pela simplicidade do texto (só com a identificação da defunta e em genitivo) – é monumento datável dos primórdios do século I da nossa era, podendo mesmo ser passível de recuar aos finais do século I antes.



402

FRANCISCO BILOU  
JOSÉ D'ENCARNAÇÃO

---

<sup>15</sup> Cf. José d'ENCARNAÇÃO, «A epígrafe latina como elemento didáctico (XXV)», *Boletim de Estudos Clássicos*, 51, Junho 2009, 63-67.